

## **O Sagrado como foco de fenômeno religioso**

GIL FILHO, S. F.<sup>1</sup>

O sagrado e o profano seriam dois universos da existência assumidas pelo homem em sua história. São maneiras de ser no mundo e no cosmos. A referência do sagrado posiciona o homem diante de sua própria existência. De modo abrangente, a reflexão sobre o sagrado interessa tanto às ciências humanas como à filosofia e a religião.

Uma teoria do sagrado nos permite resguardar um atributo essencial para o fenômeno religioso ao mesmo tempo em que o torna aplicável. Nesta abordagem, o sagrado reserva aspectos ditos racionais, ou seja, passíveis de uma apreensão conceitual através de suas qualidades, e aspectos transracionais, que escapam à primeira apreensão, sendo exclusivamente captados enquanto sentimento religioso. O transracional é o que foge ao pensamento conceitual, por ser de característica explicitamente sintética, e só é assimilado enquanto atributo. Neste patamar reflexivo está o âmago da oposição entre o racionalismo e a religião.

A característica própria do pensamento tradicional diante do fenômeno religioso é de reconhecer aquilo que, por um momento, não obedece às leis da natureza. Esta intervenção no andamento natural das coisas, feita pelo Transcendente, que é o autor destas leis, apresenta-se como uma tese apriorística, ou seja, a própria ortodoxia, muitas vezes, foi responsável por velar o elemento transracional da religião ao enfatizar em demasia o estudo de aspectos doutrinários e rituais e menosprezar os aspectos mais espirituais e essenciais da experiência religiosa.

Entretanto, se o sagrado é único enquanto categoria, paradoxalmente

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto Doutor do Departamento de Geografia da UFPR

ele é plural como fenômeno. O sagrado *em si* é exclusivamente explicado em sua própria escala, ou seja, a escala religiosa. Todavia, no plano fenomênico ele se apresenta em uma diversidade de relações que nos possibilitam estudá-lo à escala das ciências humanas.

A partir deste quadro referencial, podemos deduzir que as formas e os conteúdos relativos ao sagrado podem ser considerados como fonte de conhecimento do modo como se apresentam à consciência, restrito aos limites de como se manifestam. A partir desta reflexão, intuímos que o sagrado não está apenas na percepção imediata das formas e do seu conteúdo, mas também nos atos que suscitam a consciência, sendo possível admitirmos que se crie uma determinada expressão do sagrado no âmbito do pensamento.

Tomando o pensamento como espelho do ato a ser expresso, ao nomearmos o sagrado estabelecemos a possibilidade dele ressurgir, mesmo que o ato não seja de fato consumado por quem o compreende. Assim, chegamos à ambigüidade do rito.

A experiência do *sagrado* é o ponto de convergência de todas as religiões.

A partir desta discussão podemos conceber quatro instâncias de entendimento do sagrado:

- (i) Refere-se à exterioridade do sagrado e sua materialidade, a paisagem religiosa com seus elementos como, por exemplo, da estrutura do Templo, da Igreja e os ambientes da natureza destinados ao culto.
- (ii) Entendemo-lo como sistema simbólico e cultura cotidiana.
- (iii) A terceira tem haver com a tradição e à natureza imanente do sagrado. Neste sentido reconhecemo-lo através das Escrituras Sagradas, das Tradições Orais Sagradas e dos

Mitos.

- (iv) A quarta possibilidade de reconhecimento do sagrado nos remete ao sentimento religioso, seu caráter transcendente e transracional. É uma dimensão de inspiração muito presente na experiência religiosa. É a experiência do sagrado *em si*. Esta dimensão, que escapa à razão em sua essência, é reconhecida através de seus efeitos. Trata-se daquilo que qualifica uma sintonia entre o sentimento religioso e o fenômeno religioso.